

COMPONENTES UNIVERSAIS DA INTERROGAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO FUNCIONAL À TEORIA DA OTIMIDADE

Sérgio de Moura Menuzzi
(UFRGS)
Gabriel de Ávila Othero
(PUC-RGS)

RESUMO

Neste artigo, procuramos ilustrar o poder descritivo e explanatório de duas principais idéias da Teoria da Otimidade: (i) a idéia de que pode haver conflito entre restrições gramaticais; e (ii) a de que esses conflitos são resolvidos pelo ranqueamento de restrições. Discutimos, para isso, vários dos padrões de sentenças interrogativas encontrados nas línguas e sumariados em ACKEMA & NEELEMAN (1998). Nossa análise difere, entretanto, da oferecida por esses autores pelo fato de que procuramos conceber as restrições gramaticais atuantes na interrogação como tendo um cunho essencialmente “funcional” e adaptativo. Especificamente, são três as condições funcionais que propomos: a) Economia em alterações da ordem canônica, b) Marcação Morfológica para estruturas não canônicas e c) Focalização de material saliente discursivamente. Na visão que aqui apresentamos, uma gramática é um “sistema de otimização” em dois sentidos: (i) suas condições são codificações de demandas funcionais sobre a forma das sentenças; e (ii) a interação entre essas demandas deve incluir um modo de resolver os eventuais conflitos entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: teoria da otimidade – sintaxe – sentenças interrogativas

1. Introdução: a diversidade das interrogativas¹

Como ACKEMA & NEELEMAN (1998) bem sintetizam, as línguas parecem apresentar diferentes mecanismos sintáticos para expressar a interrogação. Algumas línguas, por exemplo, exigem o deslocamento do elemento interrogativo para frente da frase e a inversão do verbo flexionado com o sujeito, como o inglês (o alemão etc.):

- (1)
- a. John *will* meet *Mary* tomorrow.
(O João *irá* encontrar *a Maria* amanhã)
 - b. *John *will* meet *who* tomorrow?²
(O João *irá* encontrar *quem* amanhã?)
 - c. *Who will* [John ___ meet ___ tomorrow]?
(*Quem irá* o João encontrar amanhã?)

Outras línguas permitem essas mudanças opcionalmente, como o português padrão (o espanhol etc.). É o que se ilustra com os exemplos em (2):

- (2)
- a. [O Paulo *teria* dito *a verdade*] se tivéssemos perguntado a ele.
 - b. [O Paulo *teria* dito *o quê*] se tivéssemos perguntado a ele?
 - c. *O que* [o Paulo *teria* dito ___] se tivéssemos perguntado a ele?
 - d. *O que teria* [o Paulo ___ dito ___] se tivéssemos perguntado a ele?

Outras línguas, por sua vez, não permitem essas mudanças sob nenhuma circunstância, como o chinês (o japonês etc.):

- (3)
- a. [Yuehan *da-le shei*]?
(Yuehan *bateu* (em) *quem*?)
 - b. **Da-le* [Yuehan ___ *shei*]?
(*Bateu* Yuehan (em) *quem*?)
 - c. **Shei* [Yuehan *da-le* ___]?
(Em) *quem* Yuehan *bateu*?)
 - d. **Shei da-le* [Yuehan ___ ___]?
(Em) *quem bateu* Yuehan?)

Finalmente, um quarto grupo de línguas, como o búlgaro (o tcheco, etc.), exige que *todos* os elementos interrogativos (na possibilidade de haver mais de um) sejam deslocados para frente da frase – o que é proibido em muitas línguas que permitem alguns deslocamentos, como

em inglês e português, por exemplo. É o que mostram os exemplos em (4) do búlgaro, por oposição a (5) em inglês e (6) em português:

- (4)
- a. **Kakvo* [Ivan *kupuva* *koj* ___]?
(O que Ivan comprou (para) quem?)
 - b. **Kakvo* *kupuva* [Ivan ___ *koj* ___]?
(O que comprou Ivan (para) quem?)
 - c. *Koj kakvo* *kupuva* [Ivan ___ ___ ___]?
(Para) quem o que comprou Ivan?)
- (5)
- a. *What* did John buy *to whom*?
(O que o João comprou *pra* quem?)
 - b. **To whom what* did John buy?
(Para quem o que o João comprou?)
- (6)
- a. *O que* o João comprou *pra quem*?
 - b. **Para quem o que* o João comprou?

Superficialmente, parece que cada língua tem um mecanismo distinto de formação de interrogativas, o que nos permite levantar duas questões: (i) Essas mudanças nos padrões básicos das sentenças para a formação das interrogativas são acidentais? (ii) Por que as línguas variam tanto umas em relação às outras?

Nas próximas seções, veremos que essa variação aparentemente aleatória nos padrões de interrogação pode ser deduzida de alguns princípios universais. Tentaremos responder às duas questões acima ao longo do texto, mostrando os mecanismos envolvidos na formação das sentenças interrogativas nas línguas. Acreditamos que, por trás da aparente variação nos mecanismos de formação da interrogação nas línguas, exista um conjunto de condições gerais, universais, de diferentes naturezas atuando na formação da estrutura sintática das interrogativas. Todas essas condições procuram **otimizar** algum aspecto importante para o funcionamento da língua, como a transparência do significado, a automatização do processamento das formas etc. Por vezes, essas condições entram em conflito.

Estipularemos três condições (ou restrições) universais que atuam sobre a estrutura interrogativa (**Marcação Morfológica**, **Focalização** e **Economia**) e mostraremos como as línguas resolvem os conflitos entre essas condições.

2. Condições atuantes nos padrões de interrogação

2.1 Marcação morfológica

As línguas costumam utilizar morfemas específicos no começo de uma seqüência de palavras para “marcar morfológicamente” aquela seqüência como possuindo alguma propriedade particular. Por exemplo, é comum que se iniciem expressões nominais com artigos, justamente porque eles marcam se a expressão é definida ou não. Em português, os artigos também marcam se as expressões nominais são plurais ou singulares:

(9)

- a. [\pm Definido]: *uma* [garota bonita] vs. *a* [garota bonita]
- b. [\pm Plural]: *a-s* [garota bonita] vs. *a* [garota bonita]³

Em muitas línguas, algo similar vale para as orações interrogativas: certos morfemas específicos “marcam morfológicamente” uma frase como sendo uma interrogativa, ou seja, marcam a sentença como sendo [+Pergunta]:

(10)

- a. *Czy* [zamykacie okna]? (Polonês)
(Você está fechando as janelas?)
- b. *Aya* [Ali ketab darad]? (Persa)
(O Ali tem algum livro?)
- c. *Walay* [sarai khaza khuwakhae]? (Pashto⁴)
(O homem gosta da mulher?)

Presume-se então que, nas línguas em que há inversão verbo-sujeito, a função desse deslocamento do verbo para o começo da frase - isto é, em uma posição que não é a sua usual - é justamente a de marcar morfológicamente a sentença como interrogativa, atribuindo-lhe o traço [+Pergunta]:

(11)

- a. *Can* [I __ call John for you]?
✓Marcação Morfológica: [+Pergunta]
- b. *[I *can* call John for you]?
*Marcação Morfológica: [+Pergunta]⁵

Em algumas línguas, as sentenças que não são marcadas com um morfema específico (ou, nas línguas que não possuem tais morfemas, não deslocam o verbo para o início da frase) violam a Marcação Morfológica da propriedade de ser interrogativa [+Pergunta]. De modo similar, presume-se que o deslocamento de um pronome interrogativo para o início da frase tenha uma função semelhante de marcar morfológicamente a sentença com o traço [+Pergunta]. Ou seja, algumas línguas, para marcar morfológicamente uma sentença como sendo interrogativa (marcá-las com o traço [+Pergunta]) deslocam algum elemento para o início da frase.

No entanto, acreditamos que ainda há mais um detalhe importante aí: as perguntas-QU não exigem uma resposta simples de sim-ou-não, como (11). Elas pedem alguma informação específica, ou seja, elas têm um foco informacional específico. E algumas línguas movem justamente o elemento-qu para o início da sentença interrogativa. Diremos, então, que essas sentenças são marcadas também com o traço [+Com Foco]. Vejamos alguns exemplos.

(12)

- a. **Can* [I __ call *who* for you]?
 ✓Marcação Morfológica: [+Pergunta]
 *Marcação Morfológica: [+Com Foco]
- b. *Who can* [I __ call __ for you]?
 ✓Marcação Morfológica: [+Pergunta]
 ✓Marcação Morfológica: [+Com Foco]

Em (12a), a sentença satisfaz a condição de marcação morfológica [+Pergunta], uma vez que há um elemento deslocado (o auxiliar *can*) para a frente da frase. No entanto, essa sentença viola a condição de marcação morfológica [+Com Foco], já que o elemento de foco informacional (o elemento-qu *who*) permaneceu *in situ*. Podemos concluir por ora então que, em inglês, duas propriedades devem ser marcadas e são atuantes para a formação de perguntas-qu: a Marcação Morfológica [+Pergunta] e a Marcação Morfológica [+Com Foco].

Em (13), definimos essas duas propriedades.

(13) Marcação Morfológica [MM]:

a. MM[+Pergunta]: uma sentença interrogativa deve ser iniciada por um elemento sinalizador específico (por exemplo, o verbo flexionado).

b. MM[+Com Foco]: uma sentença interrogativa com foco informacional deve ser iniciada por um elemento sinalizador específico (por exemplo, um pronome interrogativo).

Repare que a condição Marcação Morfológica [MM] é uma única condição geral que, no entanto, atua em muitos casos particulares – toda vez que uma informação morfossintática precisa ser “marcada” em um constituinte. No caso das interrogativas-qu, há duas dessas informações. Portanto, a ação da [MM] é tal que equivale à ação de duas condições: uma exige a sinalização de MM[+Pergunta], e outra de MM[+Com Foco].

2.2 Focalização

Quando um elemento é um foco informacional, ele é também um ‘foco de atenção’ e exige, por isso, a posição mais saliente na frase – a posição inicial (cf. DIK, 1989, 1997; GIVÓN, 1993, entre outros). Isso pode ser visto por pares de frases pergunta-resposta como em (14) abaixo. Repare que a pergunta é tal que faz com que o foco de informação/atenção da resposta seja ‘a Maria’, e não ‘o João’. Da mesma maneira, somente ‘a Maria’ pode iniciar a resposta, e não ‘o João’.

(14)

A: *QUEM* o João encontrou __ no cinema?

B: A *MARIA* acho que o João encontrou __ no cinema.

O JOÃO acho que __ encontrou a Maria no cinema⁶.

Veja agora que esse princípio – o de que elementos que são foco de informação/atenção precisam ocupar uma posição saliente na sentença, como a posição inicial – também vale para os elementos interrogativos, como *quem* em (14). Afinal, um elemento interrogativo define um foco de informação/atenção na frase. Em pares de perguntas e respostas com constituintes-qu, o constituinte focalizado será justamente aquele que servir de resposta (ou seja, aquele que substituir o constituinte-qu da interrogativa), como vimos em (14). Em resumo, a condição universal da **Focalização** – elementos que são foco de informação/atenção precisam ocupar a posição inicial da frase – se aplica também a elementos interrogativos (cf. DIK, 1978, COSTA, 1998). Vejamos a definição dessa condição em (15):

(15) **Focalização**: os elementos que são foco de atenção devem ocupar a posição inicial da frase.

É importante observar que, embora as condições de MM[+com Foco] e Focalização estejam associadas entre si e se sobreponham em alguns casos, elas não têm os mesmos efeitos: MM[+Com Foco] é satisfeita se apenas um constituinte interrogativo for deslocado para o início da frase; a condição de Focalização, no entanto, exige que *todos* os elementos focalizados sejam deslocados para a posição inicial da sentença. Vejamos a análise de algumas sentenças interrogativas em português e como elas satisfazem ou violam essas duas condições:

- (16)
- a. O João deu *que presente* pra Maria?
 *MM[+Com Foco]
 * Focalização
 - b. *Que presente* o João deu ___ pra Maria?
 ✓MM[+Com Foco]
 ✓ Focalização
 - c. O João deu *que presente pra quem*?
 *MM[+Com Foco]
 **Focalização
 - d. *Pra quem* o João deu *que presente* ___ ?
 ✓MM[+Com Foco]
 ✓*Focalização
 - e. **Que presente pra quem* o João deu ___ ___ ?
 ✓MM[+Com Foco]
 ✓✓Focalização

A sentença em (16a) é gramatical, mesmo violando as duas condições (veremos a análise completa das sentenças interrogativas na seção 4). Em (16b), a sentença também é gramatical e satisfaz as duas condições, já que há um elemento deslocado para o início da sentença (satisfaz, portanto MM[+Com Foco]) e esse elemento é o elemento-qu, foco de atenção (satisfaz, portanto Focalização). A sentença em (16c), que também é gramatical, viola MM[+Com Foco] e Focalização, duas vezes, já que temos ali dois elementos-qu que veiculam informação nova, e nenhum deles foi deslocado para o início da sentença. Em (16d), temos uma sentença gramatical que satisfaz as duas condições; a condição Focalização, porém, é apenas satisfeita parcialmente, já que há o

deslocamento de apenas um elemento-*qu* para o início da frase. Finalmente, repare que a sentença (16e) é agramatical em português, apesar de satisfazer de forma ótima as duas condições que estamos discutindo. No entanto, sentenças com estruturas similares são perfeitamente possíveis - aliás, obrigatórias - em algumas línguas, como vimos anteriormente com os exemplos do búlgaro em (4). Isso sugere que alguma outra condição esteja atuando na formação das sentenças interrogativas. Vejamos mais uma condição que parece estar atuando na organização sintática da formação de sentenças interrogativas: Economia.

2.3 Economia

Como se sabe, as línguas humanas apresentam várias versões particulares da chamada “lei do menor esforço”, Ou seja: só faça algo se for necessário. No caso da sintaxe, a manifestação particular dessa lei é a seguinte: **mudanças no padrão básico de sentença de uma língua não são toleradas, exceto se houver alguma boa razão para isso.**

É fácil percebermos a operação dessa restrição geral no caso de línguas que apresentam inversão de sujeito-verbo, como o inglês. Em inglês, o padrão básico das sentenças declarativas - que é o mais neutro e o mais freqüente⁷ - apresenta a ordem SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS, como (17a), abaixo. Evidentemente, esse padrão não pode ser alterado (pela inversão do sujeito com verbo, por exemplo, como em (17b)), a menos que essa mudança tenha reflexo no significado proposicional ou na força ilocutória da sentença. Se a sentença for uma simples declarativa, basta o padrão normal em (17a) - a inversão em (17b) é então excluída. Afinal, essa inversão não irá se justificar. Em outras palavras, ela irá violar gratuitamente a condição Economia, que formulamos em (18).

(17)

a. [I can call John for you].

Frase declarativa: üEconomia

b. **Can* [I __ call John for you].

Frase declarativa: * Economia

(18) **Economia**: mantenha a ordem sintática básica das sentenças da língua.⁸

Em algumas situações, Economia pode ser violada, permitindo a utilização de um padrão diferente do padrão sintático básico da língua.

Isso pode acontecer quando **alguma outra condição faz uma exigência que entra em conflito com Economia**. Isso acontece, por exemplo, no caso de sentenças interrogativas: como vimos anteriormente, há uma condição universal que estipula que as sentenças interrogativas devem ser “marcadas morfológicamente” como interrogativas, o que significa, em muitas línguas, ter de deslocar o verbo flexionado para frente da sentença, como acontece em inglês. Ao fazer isso, no entanto, a língua estará violando Economia, para satisfazer a condição MM[+Pergunta]. Veja os exemplos em (19):

- (19)
- a. *[I can call John for you]?
✓Economia
*MM[+Pergunta]
- b. *Can* [I __ call John for you]?
*Economia
✓MM[+Pergunta]

Em (19a), a sentença interrogativa satisfaz Economia, mas viola MM[+Pergunta], o que resulta em uma frase agramatical em inglês. Em (19b), temos o contrário: Economia é violada e MM[+Pergunta] é satisfeita, resultando em uma sentença bem formada da língua.

O que (19) nos mostra é que Economia e Marcação Morfológica são condições que entram em conflito para a formação da sentença interrogativa em inglês. Enquanto Economia requer que se mantenha a ordem sintática básica da sentença, a restrição Marcação Morfológica exige que a frase seja iniciada pelo verbo flexionado - o que implica deslocar o verbo para frente da sentença e, portanto, violar Economia. Repare que o fato de a frase gramatical em inglês ser (19b) e não (19a) mostra que, nessa língua, MM[+Pergunta] é uma condição mais importante que Economia. Logo, podemos estipular (20) como uma primeira hipótese acerca da gramática do inglês a seguinte relação de dominância entre essas duas condições:

(20) Em inglês: MM[+Pergunta] >> Economia

Em português padrão, por outro lado, frases interrogativas podem ou não ter inversão do sujeito com o verbo flexionado, como mostramos nos exemplos em (21):

- 21)
- a. [O Paulo teria dito a verdade]?
 ✓Economia
 *MM[+Pergunta]
- b. *Teria* [o Paulo ____ dito a verdade]?
 ✓MM[+Pergunta]
 *Economia

Tanto (21a) como (21b) são sentenças bem formadas em português. (21a) viola MM[+Pergunta] em prol de Economia, enquanto (21b) faz o oposto. Isso significa que nenhuma das duas condições parece ser mais importante na gramática da língua, e as duas possibilidades podem ser aceitas:

(22) Português: MM[+Pergunta] << >> Economia

3. Resumindo as violações das condições para a formação das sentenças interrogativas

No que diz respeito às condições universais que atuam sobre a boa formação das sentenças interrogativas, o que encontramos é Economia entrando em conflito com as demais condições que postulamos acima. Economia requer que a ordem sintática básica das sentenças seja preservada. As demais condições, como vimos, requerem que algum elemento da sentença seja deslocado para o início da frase.

Vimos nos exemplos em (19) e (21), que MM[+Pergunta] requer que o verbo flexionado seja deslocado para o início da frase. A condição MM[+Com Foco], por sua vez, requer que pelo menos um constituinte interrogativo o faça, cf. (12). Finalmente, Focalização requer que todos os elementos-*qu* sejam deslocados para o começo da frase, cf. (16e). Cada vez que um elemento é deslocado para satisfazer uma dessas condições, Economia é violada uma vez. Por outro lado, toda vez que um elemento deixa de ser deslocado, uma ou outra dessas condições é violada, e Economia é satisfeita. Vejamos novamente algumas análises, dessa vez, levando em consideração todas as condições que apresentamos.

- (23)
- a. *[Mary would buy what to whom]?
 ✓Economia,
 *MM[+Pergunta]
 *MM[+Com-Foco]
 **Focalização

- b. **Would* [Mary __ buy what to whom]?
*Economia
✓MM[+Pergunta]
*MM[+Com-Foco]
**Focalização
- c. *What would* [Mary __ buy __ to whom]?
**Economia
✓MM[+Pergunta],
✓MM[+Com-Foco]
*Focalização
- d. **To whom what would* [Mary __ buy __ __]?
***Economia
✓MM[+Pergunta]
✓MM[+Com-Foco]
✓Focalização

Em resumo: vimos que são quatro as condições que podem determinar a boa formação de uma sentença interrogativa nas línguas: **Economia**, **MM[+Pergunta]**, **MM[+Com Foco]** e **Focalização**. Economia é a condição que entra em conflito com todas as demais. Agora, podemos demonstrar como essas condições interagem nas diferentes línguas. Veremos que as diferentes hierarquias que podem ser definidas com essas quatro condições fornecem precisamente os padrões de sentenças interrogativas conhecidos nas línguas naturais.

4. Hierarquias e a diversidade das interrogativas

Como vimos, a idéia básica da teoria que estamos aqui ilustrando é a de que diferentes gramáticas resultam de modos diferentes de as línguas resolverem conflitos entre condições universais. E o modo específico adotado pelas línguas para resolver esses conflitos é definir alguma hierarquia entre as várias condições universais⁹. Vejamos como essa idéia funciona no caso das condições envolvidas nas sentenças interrogativas, verificando as diferentes hierarquias que podemos definir com as quatro condições apresentadas.

a) MM >> Economia >> Focalização: inglês, alemão

Candidato de output	MM [+Pergunta]	MM- [+econ-foco]	Economia	Focalização
a. *Mary would buy what to whom?	!	*		**
b. *Would Mary __ buy what to whom?		!	*	**
c. *What Mary would buy __ to whom?	!		*	*
d. *What would Mary __ buy to whom?			**	*
e. *To whom what would Mary __ buy __?			***	

Quadro 1: interrogativa em inglês e alemão¹⁰

No quadro acima, as sentenças (a) e (c) são excluídas porque violam a condição mais à esquerda, a mais importante em inglês: MM[+Pergunta]. Essas são violações “fatais” (marcadas por !). A sentença (b) é excluída porque viola a segunda condição mais importante, MM[+Com Foco]. Com isso, restam apenas duas sentenças possíveis, (d) e (e). Ambas violam Economia, a próxima condição na hierarquia. A frase (e), no entanto, viola Economia uma vez a mais que a frase (d); essa, então, é uma violação fatal. A frase (d) também viola a última condição da hierarquia, Focalização; mas não há nenhuma outra frase possível (todas já foram excluídas por condições mais altas na hierarquia). Logo, a frase (d) é a frase “ótima”, ou seja, aquela que é gramatical (marcada por F), porque ela é a que melhor satisfaz a hierarquia do inglês.

b) MM >> Focalização >> Economia: búlgaro

Candidato de output	MM [+Pergunta]	MM- [+econ-foco]	Focalização	Economia
a. *Ivan kupa va koj kupa?	!	*	**	
b. *Kupava Ivan __ koj kupa?		!	**	*
c. *Koj Ivan kupa va koj?	!		*	*
d. *Koj kupa Ivan __ koj?			!	**
e. *Koj Ivan kupa va?				***

Quadro 2: interrogativa em búlgaro

Para a gramática do búlgaro (representada no quadro 2), a condição mais importante é a MM, já que, nessa língua, além de ser necessária a marcação da sentença como sendo interrogativa, é também necessário que todos os elementos-wh se movam para a posição inicial. Por isso, o candidato ótimo aparece em (e), violando Economia (uma restri-

ção baixa na hierarquia da língua) por três vezes, para satisfazer condições mais importantes como MM e Focalização.

c) Economia >> MM >> Focalização: chinês, japonês

Candidato de output	Economia	MM (+Pergunta)	MM [reora-foco]	Focalização
a. * <i>Yuehan nihe (shenme) shi- de shi?</i>		*	*	**
b. * <i>Lin-de Yuehan zheherzherne shen?</i>	*		*	**
c. * <i>Shi Yuehan zheherzherne shen?</i>	*	*		*
d. * <i>Shi de-de Yuehan zheherzherne shen?</i>	**			*
e. * <i>Shi shenme shi de-de Yuehan _____?</i>	***			

Quadro 3: interrogativa em chinês e japonês

Em chinês, vemos uma gramática que – ao contrário do búlgaro, que vimos no quadro 2 – prioriza a restrição de Economia. Nessa língua, a condição de Economia não pode ser violada para satisfazer nenhuma outra condição para a formação das interrogativas. Por isso, o candidato ótimo é aquele que aparece em (a), com o elemento-*wh in situ* e sem qualquer alteração na estrutura da interrogativa.

d) MM << >> Economia >> Focalização: português, espanhol

(24)

- O João *teria* dado o *quê pra quem*?
- Teria* o João ___ dado o *quê pra quem*?
- Pra quem* o João *teria* dado o *quê* ___?
- Pra quem teria* o João ___ dado o *quê* ___?
- **O que pra quem teria* o João dado ___ ___?

Possibilidade 1 (quadro 4): Economia >> MM >> Focalização

Candidato de output	Economia	MM(+Pergunta)	MM- [reora-foco]	Focalização
a. * <i>O João teria dado o quê pra quem?</i>		*	*	**
b. * <i>Teria o João ___ dado o quê pra quem?</i>	*		*	**
c. * <i>Pra quem o João teria dado o quê?</i>	*	*		*
d. * <i>Pra quem teria o João ___ dado o quê?</i>	**			*
e. * <i>O que pra quem teria o João dado ___ ___?</i>	***			

Quadro 4: possibilidade 1

Possibilidade 2 (quadro 5): MM[+Pergunta] >> Economia >> MM[+Com-Foco] >> Focalização

Candidato de output	MM- [+Pergunta]	Economia	MM- [+Com-Foco]	Focalização
a. *O João teria dado o galé pra quem?	*		*	**
b. *Teria o João ___ dado o galé pra quem?	*	*	*	**
c. *Pra quem o João teria dado o galé ?	*	*		*
d. *Pra quem teria o João ___ dado o galé ?		**		*
e. *O galé pra quem teria o João dado ___ ?		***		

Quadro 5: possibilidade 2

Possibilidade 3 (quadro 6): MM[+Com-Foco] >> Economia >> MM[+Pergunta] >> Focalização

Candidato de output	MM- [+Com-Foco]	Economia	MM[+Pergunta]	Focalização
a. *O João teria dado o galé pra quem?	*		*	**
b. *Teria o João ___ dado o galé pra quem?	*	*		**
c. *Pra quem o João teria dado o galé ?		*	*	*
d. *Pra quem teria o João ___ dado o galé ?		**		*
e. *O galé pra quem teria o João dado ___ ?		***		

Quadro 6: possibilidade 3

Possibilidade 4 (quadro 7): MM[+Com-Foco] >> MM[+Pergunta] >> Economia >> Focalização

Candidato de output	MM- [+Com-Foco]	MM- [Pergunta]	Economia	Focalização
a. *O João teria dado o galé pra quem?	*	*		**
b. *Teria o João ___ dado o galé pra quem?	*	*		**
c. *Pra quem o João teria dado o galé ?		*	*	*
d. *Pra quem teria o João ___ dado o galé ?			**	*
e. *O galé pra quem teria o João dado ___ ?			***	

Quadro 7: possibilidade 4

Cada uma das estruturas permitidas que vimos nos quadros para o português corresponde a uma das hierarquias permitidas por uma certa indefinição de um ranking entre MM e Economia. Na verdade, a única estrutura excluída (com mais de um constituinte deslocado para

frente) é resultado do “ranking” fixo de **Focalização**, sempre a condição “mais baixa” em português. O português e o espanhol são línguas extremamente interessantes, porque nelas se vê claramente a ação de quase todas as condições universais simultaneamente. Nas demais línguas, a ação de algumas condições pode ficar obscurecida pela hierarquia.

Isso nos permite elaborar (temporariamente) o seguinte quadro para a boa-formação de interrogativas em português (e espanhol)¹¹:

Candidato de output	MM- [+Com-Foco]	MM- [Pergunta]	Economia	Focalização
a. * O João teria dado o quê pra quem?	*	*		**
b. * Teria o João __ dado o quê pra quem?	*		*	**
c. * Pra quem o João teria dado o quê ?		*	*	*
d. * Pra quem teria o João dado o quê ?			**	*
e. * O que pra quem teria o João dado ?			***	

Quadro 8: interrogativa e português e espanhol

Em português, parece que temos um caso de **opcionalidade** entre quatro candidatos gramaticais. Tal como apresentamos acima, claramente o único candidato agramatical é aquele que despreza Economia em prol de MM[+Com Foco], MM[+Pergunta] e Focalização. A Teoria da Otimidade se preocupa em apontar apenas um candidato ótimo. Ou seja, essa opcionalidade entre os candidatos gera um problema: se a teoria prevê que exista apenas um candidato ótimo, como explicar a opcionalidade entre mais de um candidato? Não iremos nos aprofundar no assunto aqui. Remetemos o leitor a KEER & BAKOVIC (1997), COSTA (1998) e PESETSKY (1998).

5. Considerações finais

Embora pareçam diferir aleatoriamente, as sentenças interrogativas das diferentes línguas são, na verdade, resultado da combinação de alguns poucos componentes universais: quatro condições gramaticais, a saber: MM[+Pergunta], MM[+Com Foco], Focalização e Economia. A diversidade de padrões emerge porque a Gramática Universal prevê um mecanismo que foi desenhado para evitar eventuais conflitos entre as condições: a hierarquização alternativa das condições. Cada hierarquização resulta em uma “gramática” diferente, e o que uma criança deve fazer quando adquire sua língua é descobrir qual a hierarquia que vale para ela. Obviamente, os mecanismos presentes na definição de uma gramática - condições universais e hierarquização - são exatamente os mesmos mecanismos de que se precisa para definir qualquer outra gramática.

Recebido em 06/01/09

Aprovado em 16/02/09

ABSTRACT

In this article, we seek to demonstrate the descriptive and explanatory power of two central ideas in Optimality Theory: (i) the idea that there can be conflict among grammatical constraints; and (ii) that these conflicts are solved by the ranking of the constraints. We illustrate these points with an analysis of the sentence patterns in question-formation, as shown in Ackema & Neeleman (1998). However, our analysis is different than A&N's (1998), as we propose functional constraints acting in the formation of interrogative sentence patterns. We actually propose three constraints: Economy, Morphological Marking and Focalization. As we understand, a grammar is a system of optimization in two senses: (i) its conditions are codifications of functional demands over the form of the sentences; and (ii) the interaction among these demands must include a way to solve eventual conflicts among them.

KEY WORDS: optimality theory – syntax – interrogatives

REFERÊNCIAS

- ACKEMA, P.; NEELEMAN, A. What?. In: BARBOSA, P. et al. (eds.). *Is the best good enough? Optimality and competition in syntax*. Cambridge: MIT Press, 1998.
- COSTA, J. *Word order variation. A constraint-based approach*. Holland Academic Graphics, Haia, 1998. Série *LOT Dissertations*.
- DIK, S. *Functional grammar*. Amsterdam: North Holland, 1978.
- DIK, S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- DIK, S. *The theory of functional grammar: part II*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- GRIMSHAW, G. Projections, heads, and optimality. *Linguistic Inquiry* 28(3), 1997.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, T. *English grammar – a function-based introduction*. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

- GIVÓN, T. *Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- KEER, E.; BAKOVIC, E. Have faith in syntax. In: CURTIS, E.; LYLE, J.; WEBSTER, G. (eds). *Proceedings of the Sixteenth West Coast Conference on Formal Linguistics*. CSLI, Stanford, 1997.
- LEGENDRE, G.; SMOLENSKY, P.; WILSON, C. When is less more? Faithfulness and minimal links in *wh*-chains. In: BARBOSA, P. et al. (eds.), *Is the best good enough? Optimality and competition in syntax*. Cambridge: MIT Press, 1998.
- OTHERO, G. A. A negação nas línguas: um universal lingüístico. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades Unigranrio*, vol. 6, 2007.
- PARKER, F.; PICKERAL, J. Echo questions in English. *American Speech*, vol. 60, n. 4, 1985.
- PESETSKY, D. Principles of sentence pronunciation. In: BARBOSA, P. et al. (eds.), *Is the best good enough? Optimality and competition in syntax*. Cambridge: MIT Press, 1998.
- PIRES, A.; TAYLOR, H. L. The syntax of *wh*-in-situ and common ground. In: MASULLO, P. (ed.) *Romance Languages: structure, interfaces, and microparametric variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. Optimality theory: constraint interaction in generative grammar. Technical Report TR-2, Rutgers Center for Cognitive Science, Rutgers University, New Brunswick, NJ, and Technical Report CU-CS-696-93, Department of Computer Science, University of Colorado at Boulder, 1993.
- SOBIN, N. On the syntax of English echo questions. *Lingua* 81:2-3, 1990.

NOTAS

¹ Trataremos aqui apenas das interrogativas-QU. Não lidaremos com as interrogativas do tipo sim-ou-não (*yes-no questions*).

² Na verdade, essa sentença não é agramatical em inglês se for utilizada como uma pergunta-eco (*echo-question*), em contextos bastante específicos. Veja o seguinte exemplo:

A: I bet John will meet Mary tomorrow.

B: What? John will meet *who* tomorrow?

Não lidaremos com as *echo-questions* aqui. Sobre o assunto, remetemos o leitor a PARKER & PICKERAL (1985) e SLOBIN (1990), que tratam das *echo-questions* em inglês; e PIRES & TAYLOR (2007), que, além de tratarem das *echo-questions* em inglês e em português, estudam outros tipos de perguntas-QU *in situ* em inglês e nas línguas românicas.

³ É evidente que aqui estamos considerando uma variedade sociolinguística que aceita um DP do tipo [as garota bonita].

⁴ Língua indo-iraniana falada no Afeganistão e no oeste do Paquistão.

⁵ Marcaremos com um asterisco * uma condição violada e com o símbolo ù uma condição satisfeita.

⁶ Marcamos com o símbolo # para sinalizar que a sentença é estranha naquele contexto.

⁷ Cf. Givón (1979 e 2001). Sobre as sentenças declarativas serem as formas “não marcadas” na línguas, ver também Othero (2007), que discute o status das sentenças negativas como sentenças marcadas nas línguas.

⁸ Essa restrição é baseada em outras restrições de economia de natureza semelhante, tais como as propostas em GRIMSHAW (1997) e LEGENDRE, SMOLENSKY & WILSON (1998).

⁹ Cf. PRINCE & SMOLENSKY (1993) e trabalhos posteriores.

¹⁰ Para a “leitura” dos quadros, deve-se começar da esquerda para a direita: quanto mais à esquerda está uma condição, mais alta ela está na hierarquia (isto é, mais importante ela é). Os quadros sombreados são irrelevantes para a escolha do candidato ótimo, uma vez que os conflitos devem já ter sido resolvidos em alguma coluna mais à esquerda.

¹¹ A linha pontilhada indica que as restrições estão em pé de igualdade de importância no ranqueamento dos candidatos (justamente o que acontece com MM[+com Foco], MM[+Pergunta] e Economia em português).